

E
C
O
S

D O S A G R A D O

A Era da Razão

D O F O N O H U N X I

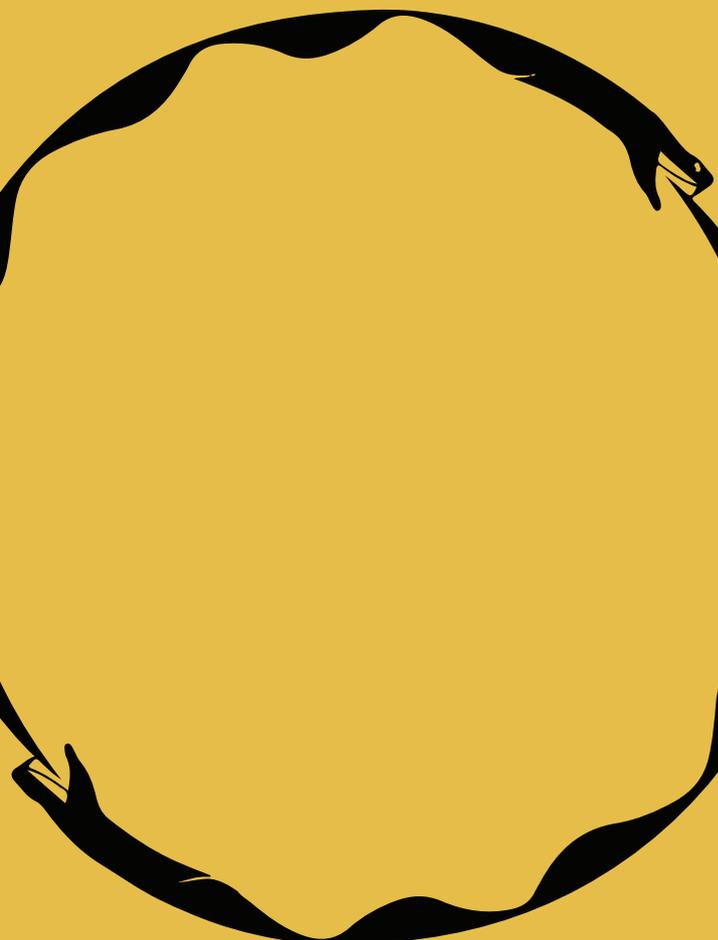
2 0 2 5



Foto: Gilmar Souza

**Dofono Hunxi,
homem negro,
soteropolitano e historiador.**

**Etemí do Xwe Vodún Zo
Ojú Ọba do Ile Alabaxe
Pré sacerdote**



Concepção gráfica, capa e miolo
Leonardo Santiago

Revisão
Matheus Santiago

Todos os direitos desta edição reservados à
Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço

É vetada a cópia total ou parcial do texto
sem autorização prévia.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H956e Hunxi, Dofono.
A era da razão [livro eletrônico] : ecos do sagrado / Dofono
Hunxi. – Salvador, BA: Koinonia, 2025.
40 p.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5278-304-2

1. Candomblé – Rituais. 2. Cultos afro-brasileiros. I. Título.
CDD 299.673

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Dofono Hunxi

A Era da Razão

1ª edição

Ecos do Sagrado

Salvador, 2025



KOINONIA

Presença Ecumênica e Serviço

actaliança

Sumário

Agradecimento	6
Prefácio - <i>Vilson Caetano de Sousa Júnior</i>	7
1. A Jornada do Sacerdócio no Candomblé	11
2. Rituais e Oferendas	14
3. Organização Religiosa e Sua Importância	17
4. Espiritualidade e Saúde Mental	21
5. Os Desafios dos Pré-Sacerdotes	24
6. Espiritualidade Digital	27
7. O oráculo	29
8. O poder do desenvolvimento da nossa religião dentro da nossa vivência e em nossa vida.	32



*“Sou uma pessoa
que não acredita no axé
porque acreditar exige
maturação constante
mas vivo o axé
como se fosse
uma parte do meu eu.”*



A G R A D E C I M E N T O

Há muito tempo venho analisando nossa sociedade religiosa, observando os espaços e vivências, as relações que construímos no dia a dia e também nessa nova era digital. Sempre dialogo e converso com minha esposa, Luanda, sobre essas questões. Foi ela quem me perguntou por que eu não escrevia algo que pudesse provocar o pensamento e estimular o desenvolvimento de um olhar moderno dentro de uma religião milenar.

E esse trabalho de forma independente e totalmente digital é justamente o peso dos padrões que a sociedade impõe sobre práticas ancestrais e saberes internalizados. Mesmo sendo um nativo do axé, com uma vida inteira dedicada ao sagrado e já em caminho sacerdotal há muitos anos, ainda percebo a necessidade de me referenciar, de explicar, de provar talvez a quem não compreende plenamente a profundidade da nossa religiosidade.

Essa experiência que compartilho aqui não quero que seja vista como um ato de ousadia, mas sim como um passo libertador. Libertador para mim e, quem sabe, para quem também carrega tantas ideias e sente vontade de estruturar, repensar e viver o axé de forma fiel à sua verdade interior.

O que apresento é uma voz única e sincera, sem esconderijos, sem amparo institucional, mas aberta às críticas e ao aprendizado. Uma voz que, mesmo não patrocinada por estruturas, realiza um sonho antigo: o de ser singular dentro de um universo sagrado que já é, por si só, único e livre em sua essência.

Então, dediquei minhas madrugadas — no silêncio e com muito amor por tudo que vivo — para escrever. Como também tenho trabalhos na internet, onde entrevisto diversas pessoas sobre temas variados da nossa religião, acabo por aumentar constantemente meu repertório de saberes e experiências.

Agradeço às divindades, e ainda mais a Legbá Kimkan, meu grande mentor de vida e orientação. Em memória, deixo um abraço apertado para meu grande incentivador em todos os momentos: Luiz Natividade de Tobosi.

Aos meus amigos, filhos, irmãos de santo, e aos grandes pais e mães de santo que me tratam com tanto carinho, amor e acolhimento ao longo da minha trajetória de vida:

meu muito obrigado.

Espero, no futuro, trazer novos trabalhos, mais complexos e com ainda mais conteúdo, afirmando minha intenção de gerar orgulho em todos vocês.

sogudo ɔ, xogbigbá wε, é nyí fí dè ǎ
O futuro é uma construção, não um lugar.



P R E F Á C I O

Um leitor desavisado, antes de abrir este trabalho, pode estranhar como dois termos próprios do mundo ocidental podem ser evocados como título de uma obra que se propõe, dentre outros assuntos, a fazer uma reflexão sobre os diferentes caminhos percorridos por tradições milenares de origem africana no mundo, em especial no Brasil.

É digno de nota lembrar, que os termos “sagrado” e “era”, também são ressignificados por estas tradições. O primeiro diz respeito à maneira como o mundo se manifesta, e isso, não necessariamente, tem a ver com velhas oposições como sagrado e profano, categorias tradicionalmente utilizadas para entender o fenômeno religioso. E o segundo termo, antes de significar um recorte temporal, está mesmo relacionado à uma das maneiras de contar o tempo onde tudo é mítico, ou em outras palavras, o tempo imemorial, tempo dos ancestrais, invade o tempo vivido. Certa ocasião, ouvi de uma anciã que “velho não faz anos, mas era.” Contar a vida em era é uma maneira de afirmar os vínculos ancestrais, reavivados no convívio com este sagrado, somado a experiência dos anos vividos, a ponto de se confundir o humano com o orixá, concepção encerrada na afirmação: ela, ou ele é um orixá vivo.

Ecos do Sagrado, a era digital antes de ser algo que pode parecer contraditório, é um dos esforços de dialogar com temas antigos e atuais que atravessam o povo de candomblé.

Fui provocado, inúmeras vezes, pelo meu mestre, o professor Vivaldo da Costa Lima, antropólogo, filho de Ogun, ogã do Ilê Axé Opô Afonjá, obá de xangô e filho da ialorixá Senhora de Oxum, como ele gostava de lembrar, pela afirmação de que “não existe povo mais peculiar do que o povo de candomblé.” Em outras palavras, o povo de santo possui códigos comportamentais e etiquetas que embora, na sua maioria, não estejam expressos, são conhecidos por todos e todas deste grupo e vividos como uma espécie de “obrigação” (no sentido sociológico). Atravessar algumas fronteiras é sinônimo de constrangimentos, como por exemplo, uma liderança chegar numa festa de candomblé, de surpresa, sem ter sido convidado. Estes códigos e comportamentos reúnem assuntos que não devem ser falados publicamente e quando vêm à tona, possuem conotações pejorativas, como a afirmação de não se viver do candomblé e que sempre se trabalhou, mas também posicionamento frente a questões como: “pode o meio digital ser utilizado para preservar tradições milenares?”

São, pois, alguns destes assuntos, que o leitor irá encontrar neste trabalho. Trata-se de uma obra, amadurecida nas madrugadas de um homem negro, soteropolitano, historiador, músico e capoeirista, iniciado na tradição dos voduns no Xwe Vodun Zo, localizado no bairro da Liberdade em Salvador-BA, Oju Obá do Ilê Alabaxé, terreiro localizado na cidade de Maragojipe, Recôncavo Baiano e pré sacerdote, como ele se auto declara. Trata-se do enfrentamento de temas tratados de maneira muito particular pelo povo de candomblé no seu cotidiano e cada vez mais nos meios digitais a partir de “um universo por si só, único e livre.” Fato que, não impede de serem abordados e testados cada vez mais.

O texto possui uma linguagem própria, definições e conceitos que não podem ser compreendidos e nem mensurados a partir dos rigores academicistas e epistemológicos que insistem, historicamente, em negar e apagar os saberes e as ciências de origem africana.

A Era Digital fala sobre desafios colocados para as comunidades terreiro, obrigadas, na contemporaneidade, a encontrar soluções rápidas, a fim de não se tornarem obsoletas, e faz isso, abrindo várias questões como a interrogação: “Como o considerado moderno pode conviver dentro de uma religião secular?” Este livro está dividido em oito momentos, embora os assuntos abordados se atravessam o tempo todo.

O primeiro, fala sobre a relação entre o sacerdócio e a sua trajetória dentro da religião, ao mesmo tempo que amplia este conceito.

O segundo momento aborda outro tema caro para o candomblé, os rituais e oferendas, chamando a atenção que as práticas milenares dos terreiros seguem em movimento, mas sempre presas à memória ancestral, aqui chamada de “processos íntimos e profundos.” Aqui se fala também sobre a centralidade da natureza; da possibilidade de se pensar axé e tecnologia e da relação entre os ensinamentos de axé e o saber adquirido em cursos e apostilas. Sobre este último assunto, lembro que antes, se quer admitia-se que se tomava nota das coisas do orixá. Para que exemplo mais significativo do que o retorno da lista do material para as limpezas rituais dentro das compras do mercado às mãos do pai ou mãe de santo? Fato é, que sempre se anotou, e não estamos reduzindo este tomar nota à escrita tradicional que conhecemos. Nos terreiros há várias maneiras de tomar nota. Algumas destas maneiras deram origem aos famosos “cadernos de folhas amareladas” que motivaram, desde cedo, disputas sobre a posse e conhecimento destes, bem antes dos antropólogos discutirem sobre a primazia de suas transcrições e autoria. Na importância da organização religiosa o autor aborda o processo de formação das chamadas religiões negras nos diferentes contextos. Ele pode ser resumido na frase inspiradora que diz: “A diáspora é corpo e protesto.

É culto e cultura. É estratégia de sobrevivência. E cada passo que damos hoje, cada aprendizado, cada reconstrução que fazemos, é continuação de uma história que nunca terminou.”

A parte reservada a espiritualidade e saúde mental traz a pergunta, que a maioria das vezes, nos calamos: “Quem cuida de quem cuida da gente?” Ela reflete também sobre maneiras de pensar e agir dentro dos terreiros, chamando a atenção para o impacto das relações coloniais sobre a população negra, além da solidão do sacerdócio e os desafios de lidar com questões contemporâneas. Esta parte faz forte oposição a afirmação de que “o candomblé vai acabar.” E relembra até aqueles que já deram um ponto final nesta religião, invocando o seu tempo como medida, situação sabiamente invertida por Mãe Stela de Oxossi ao afirmar: “Meu tempo é agora.”

A responsabilidade na caminhada sacerdotal é tema de outro momento onde o autor chama a atenção para o fato de que o sacerdócio vai além das regras e costumes e fala sobre a tensão entre o “respeito ao tempo” e as causas urgentes que chegam como uma manifestação do caminho sacerdotal.

É, todavia, no sexto momento, que o leitor irá encontrar um dos assuntos que mais veem acalorando as discussões do povo de terreiro. A pergunta se pode o meio digital, ajudar a manutenção de suas tradições. O processo divinatório é abordado no sétimo momento, enfrentando questionamentos como: “temos destino ou predestinação?”

Por fim, e não menos importante, o leitor encontrará uma discussão sobre o poder da religião ancestral na vida do povo de axé e a concepção de que o saber não pode ficar circunscrito a dogmas. A afirmação da existência de uma “lógica ancestral” é um dos grandes ensinamentos deste trabalho. Este conceito, segundo o autor, pode ser uma pista para orientar as mudanças e permanências. Por exemplo, “pode um ogã ou uma ekedi, pessoas que não foram iniciadas para dar continuidade a uma comunidade, assumi-la na eminência de seu desaparecimento?”

Este não é um trabalho que encerra debates, mas abre questões. Ele ao mesmo tempo representa a capacidade do povo de axé pensar sobre as suas próprias coisas a partir de seus conceitos e peculiaridades. Ele também dá a possibilidade de abertura de outros diálogos através de uma escrita respeitosa e atenta que permite, ao mesmo tempo, um reencontro com a nossa ancestralidade.

Sorte a minha de poder ter o privilégio de ser um dos primeiros leitores deste trabalho a fim de rascunhar algumas impressões. Chamo rascunho, porque agora, deixo por conta dos leitores e leitoras fazer as suas próprias notas e mergulhar num trabalho fruto da gratuidade de Dofono Hunxi, que busca encerrar, dentre nós, a afirmação de que não sabemos o que queremos e quando nos perguntam, não falamos.

Boa leitura!

Vilson Caetano de Sousa Júnior, antropólogo, babalorixá do Ilê Obá L'Okê e professor titular da Universidade Federal da Bahia.

**E
C
O
S**

D O S A G R A D O

A Era da Razão

D O F O N O H U N X I

2 0 2 5

1. *A Jornada do Sacerdócio no Candomblé*

Uma reflexão sobre o caminho de se tornar um sacerdote ou sacerdotisa, incluindo os desafios, aprendizados e as bênçãos dessa jornada.



E
C
O
S

D O S A G R A D O

No final da década de 1980 até o final dos anos 1990, a sociedade do Candomblé já vinha tratando o sacerdócio como um fardo — na pior acepção da palavra. Isso provocava medo em muitos que tinham a predestinação para essa missão, levando-os a evitar ou até negar o papel sacerdotal.

O resquício da escravidão, somado à proliferação do racismo, estigmatizou a beleza e a felicidade que existem em ser sacerdote ou sacerdotisa de Candomblé. A figura do sacerdote passou a ser vista com desconfiança, carregada de preconceitos.

Outro ponto crítico era o julgamento direcionado aos que exerciam o sacerdócio como ofício. Era comum ouvir de outros sacerdotes a afirmação orgulhosa de que “não viviam do dinheiro do axé”, como se houvesse desonra em alimentar-se ou sustentar sua casa com recursos vindos da espiritualidade. Essa fala trazia um orgulho velado, como se não existisse dignidade em prover-se pelo sagrado.

Muitos sacerdotes também eram rotulados como pessoas que não estudaram, como se lhes faltasse capacidade cognitiva para ocupar lugares comuns ou prestigiados na sociedade. Esse discurso depreciativo ainda ecoa em muitos ambientes.

Hoje, com o avanço dos estudos e da filosofia religiosa, sabemos que o campo sacerdotal é vasto e plural. Há quem venha com a predestinação para consultar oráculos e fazer ebós a fim de ajudar pessoas, mas sem a missão de abrir uma casa de axé. Outros têm como missão apenas cuidar dos seus familiares ou dar continuidade ao legado religioso da linhagem. Há ainda aqueles destinados a suceder casas tradicionais, e também os que recebem a predestinação para viver do axé em tempo integral — o que é um dom raro e honroso.



É um grande orgulho poder alimentar-se, sustentar sua comunidade e erguer sua vida com o dinheiro proveniente das divindades. Mas isso é para poucos. Requer dom, preparo e desenvolvimento. Em muitos casos, esses sacerdotes também são chamados para guiar outros, o que justifica a dedicação integral à vida religiosa.

Essas diferentes predestinações podem ser reveladas de diversas formas:

- Através dos oráculos;
- Por meio do berço familiar religioso e ancestral;
- Por divindades ou entidades manifestadas em transe ou sonho;
- Ou até mesmo durante o desenrolar da vida, quando o próprio sacerdote começa a perceber os sinais de seu caminho.

Às vezes, é o resultado que revela:

A casa se enche, mas também esvazia; os ebós não surtam efeito; as iniciações não se desenvolvem bem. Em outros casos, o sucesso é pleno e as respostas vêm com clareza e constância.

Pode ser que o sacerdote se destaque em apenas um dom, enquanto um parente religioso ou familiar desenvolva outra habilidade complementar. Há também quem consiga exercer tudo com excelência: jogo, ebó, iniciação, liderança — tudo de forma única e harmônica.



2. Rituais e Oferendas: Conexões Espirituais

Um guia prático sobre os principais rituais do Candomblé, a importância das oferendas e como essas práticas fortalecem a conexão com os orixás e a ancestralidade.

**E
C
O
S**

DO SAGRADO



As práticas milenares do Candomblé passaram por erros e acertos ao longo dos séculos, até chegarem à complexidade e à beleza que conhecemos hoje. Isso não significa que se tornaram estáticas; ao contrário, elas seguem em movimento, adaptando-se ao espaço e ao tempo — mas sempre mantendo vivos os seus processos mais íntimos e profundos.

Existe um debate recorrente sobre as diferenças entre a prática moderna e a tradição antiga. A verdade é que a conveniência histórica, geográfica, social e principalmente política sempre moldou rituais e oferendas conforme as necessidades dos povos. Ainda assim, por mais que as formas mudem, a essência permanece.

A evolução de certas práticas não necessariamente altera seus resultados espirituais. Claro que há elementos e fundamentos que não devem, nem podem, ser modificados — e sobre esses, nem se discute.

A preservação das práticas tradicionais fortalece o ser humano. Elas ajudam a valorizar a vida, o cotidiano, o senso de comunidade e a reconexão com a natureza. Essas práticas ampliam nossa percepção coletiva, aprofundam o bom senso e evitam que a religiosidade se torne líquida, distanciada de sua base energética: a natureza viva.

Afinal, tudo o que fazemos dentro do culto — seja um ebó, uma oferenda, um pedido, uma iniciação — é sustentado pela resposta da natureza. Ela é o centro, o fundamento, o corpo e o espírito do nosso entendimento de vida.

A Tecnologia Como Parte do Axé

O conceito de tecnologia está ligado a tudo aquilo que chega para facilitar a vida do ser humano. E isso também está presente na espiritualidade.



Há um itan que nos conta que Ogum criou o pilão justamente para que a alimentação não fosse atrasada — ou seja, para otimizar um processo vital. Do mesmo modo, há um conto de Azonsu, onde ele utilizava uma varinha para introduzir em um enfermo, colocava no fogo e depois introduzia em uma pessoa sadia, dando origem a um método de vacinação pré-histórico. Era medicina dentro do contexto da época.

Esses avanços, que hoje chamamos de “tecnológicos”, sempre existiram no contexto do axé. Porém, assim como hoje há críticas e desconfianças em relação aos benefícios e malefícios da tecnologia, esse tema também já foi discutido entre os próprios orixás.

Naná, por exemplo, resiste até hoje à imposição do ferro, não compreendendo e nem aceitando a proposta de Ogum como algo totalmente necessário. Isso nos mostra que é saudável e natural discutir os limites e as necessidades dentro das inovações tecnológicas que entram em contato com o nosso sagrado.

Fé, Improviso e Aceitação Ancestral

Certa vez, um sacerdote amigo meu estava passando por grandes dificuldades financeiras. Ganhou de presente uma garrafa de cerveja e, num gesto de fé, ofereceu aquela garrafa a Iemanjá, nas águas da baía, como súplica por bênçãos. E as bênçãos vieram.

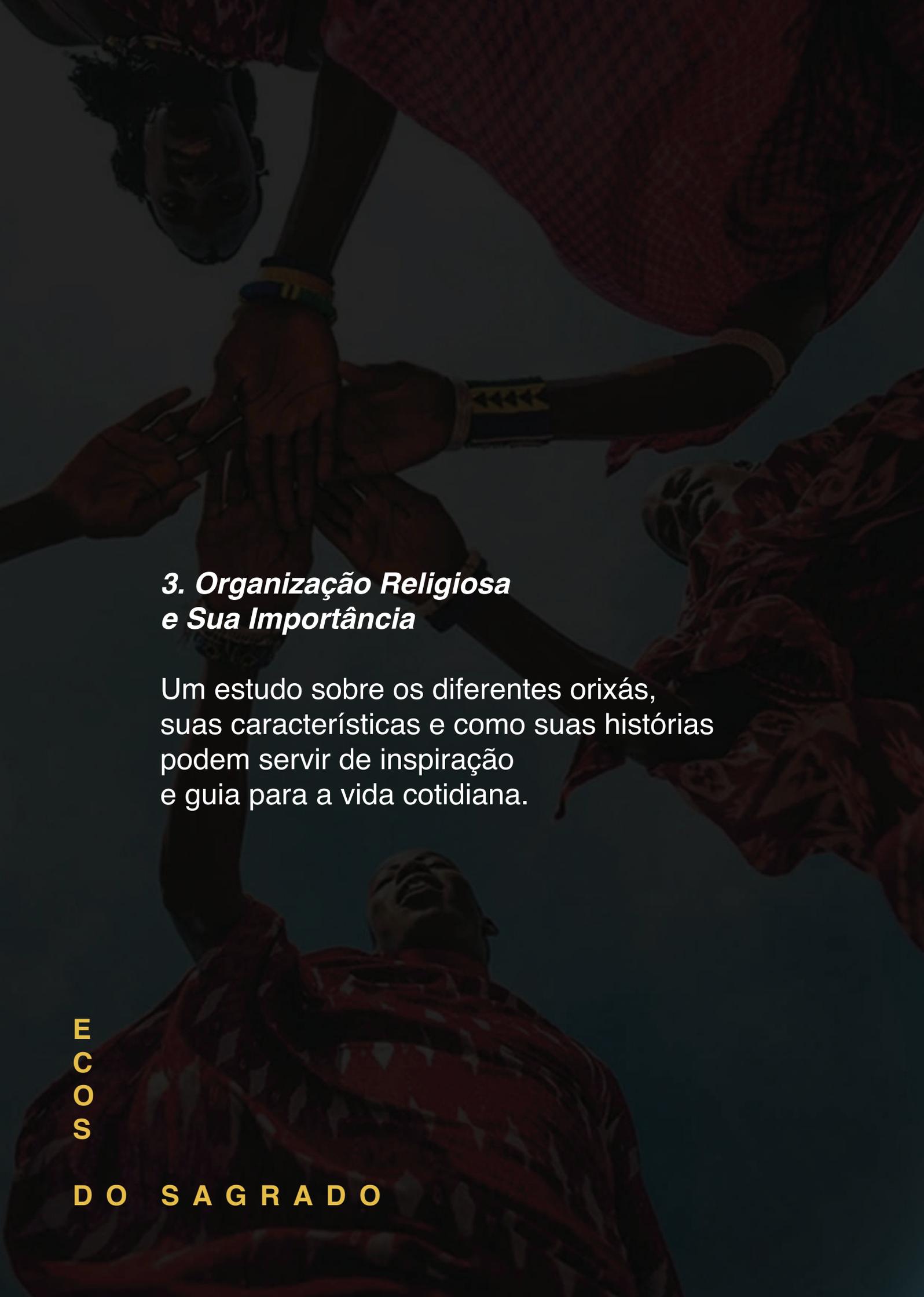
Esse episódio nos ensina que, entre o sagrado e os experimentos da fé, existe também a aprovação ancestral, o acolhimento de outros eixos espirituais que reconhecem a intenção, o coração e a entrega do filho ou filha de santo.

Cada pessoa carrega consigo diferentes quantidades de divindades, entidades e espíritos que lhe auxiliam na jornada aqui na Terra. Uns têm mais, outros menos. Mas todos têm amparo. E cada gesto pode acionar potências invisíveis, desde que nasça de um lugar verdadeiro.

Caminhos de Aprendizado

A melhor forma de se organizar é de acordo com os processos da sua própria família de axé, respeitando o aprendizado empírico, aquilo que é passado pela oralidade e pelo exemplo. Mas isso não exclui a importância das leituras, das escritas e do registro com base e referência.

Para aqueles que não vêm de uma família religiosa estruturada ou que estão em busca de resgate espiritual, o aprendizado também virá — por meio de tentativas, erros e acertos. Mas o caminho se constrói com humildade e com a consciência de que ignorar o saber é um erro maior do que errar tentando aprender.



3. Organização Religiosa e Sua Importância

Um estudo sobre os diferentes orixás,
suas características e como suas histórias
podem servir de inspiração
e guia para a vida cotidiana.

**E
C
O
S**

D O S A G R A D O

Cada povo detém uma visão de cosmogonia que retrata sua realidade e seu entendimento de vida. As experiências, os processos geográficos e históricos, a filosofia e os modos de organização social que se desenvolvem com o passar do tempo moldam esse entendimento.

Nos primórdios das civilizações antigas, cada local que hoje conhecemos como um país era, na verdade, formado por diversos grupos étnicos, com compreensões diferentes — e, por vezes, semelhantes — sobre o mundo. À medida que os grandes reinos iam se formando, acabavam por sobrepor suas culturas sobre os grupos menores, estabelecendo uma soberania de costumes, de hierarquia, de criação de crianças e modos de organização cultural.

Em algumas situações, isso resultava na fusão de cultos e na formação de sistemas híbridos de espiritualidade. Os próprios escravizados de guerra também contribuíram para esse ciclo plural de práticas religiosas. Essa complexidade é muito bem detalhada no livro *O Rei, o Pai e a Morte: A Religião Vodun na Antiga Costa dos Escravos*, de Luís Nicolau Parés.

O que aconteceu no Benin também se repetiu na Nigéria e em outros territórios que fizeram parte da rota transatlântica dos africanos escravizados. Com a chegada da Europa e suas ideias de organização estatal, o entendimento sobre estrutura religiosa e política foi sendo ampliado — com os grandes reinos sendo denominados como “centrais” e os demais grupos sendo diluídos ou aglutinados em um conceito religioso generalista.

Assim, quando se dizia que tal povo seguia tal religião, o que de fato existia era um aglomerado de grupos étnicos distintos reunidos sob uma mesma classificação. Quando olhamos para a diáspora, já podemos imaginar esse amontoado de informações se fundindo com o que se formou aqui no Brasil.

As primeiras práticas de culto no Brasil — como o calundu — já apontam para essa mistura de conhecimentos entre povos originários e africanos. Isso é aprofundado no artigo *A Presença do Calundu na Bahia Colonial*, de Lara Vieira.

Desde cedo, o culto foi clandestino e plural. Quando o Candomblé se estrutura, ele já nasce de uma base de experiências diversas, e continua se organizando em grupos que se unem para fortalecer e organizar ainda mais o culto.

Influências Culturais e Construções Diáspóricas

Na atualidade, todas essas camadas estão presentes em nossa vivência religiosa — inclusive elementos de culturas como a árabe. Por exemplo: o nome do nosso instrumento sagrado, o atabaque, tem origem árabe, derivado do termo “aṭ-ṭabaq” (قَبَطْلَا), que significa “tambor” ou “instrumento de percussão”. A palavra também remete a “prato”, por causa do formato circular do instrumento.

Muito do que compõe o Candomblé de hoje vem da cultura fon. A “iorubalização” que às vezes ocorre — quando se tenta associar tudo ao modelo da cultura nigeriana atual — pode levar a erros graves, pois desconsidera o contexto plural e profundo que formou o nosso culto aqui no Brasil.

Quem faz essa associação sem critério, esquece (ou ignora) o quanto a nossa religiosidade é fruto de uma adaptação viva, resiliente e constante. O Brasil é um resumo — um reflexo em forma de espelho quebrado, onde cada caco guarda a memória de um povo.

A Lição dos Orixás: Resistência e Memória

Quando olhamos para nossa religiosidade com um olhar atual, a primeira lição que as divindades nos passam é a resistência: manter viva nossa identidade independente das circunstâncias.



As divindades, para existirem na memória de cada ser que cultua hoje, precisaram sobreviver a todos os caos e erros provocados pelos seres humanos — guerras, colonizações, escravidões e apagamentos. Não é que as divindades precisem de nós, mas os sábios ancestrais entenderam que o culto precisava de sobrevivência — e, para isso, resistiram.

Resistiram não apenas para manter a energia dos orixás, mas também para preservar os nomes dos que já se foram. A escravidão tentou apagar os nomes dos nossos. Mas a cada culto, a cada toque, a cada chamada de orixá, também evocamos um fragmento daqueles que nos deram origem.

Esses nomes ecoam em memória espiritual, em DNA, em forma de espectro, como forças que reforçam a continuidade. Isso é amor. O amor que o universo preparou para que tivéssemos o maior bem: a vida, em sua forma natural e sobrenatural.

Por que o Estudo é Essencial

Por isso, estudar é essencial. É preciso estudar para que não se despreze nenhum fragmento do nosso saber religioso. Para que não se critique a diáspora como se ela fosse uma “versão inferior” do culto, quando na verdade é o maior movimento revolucionário de conservação e resistência religiosa futurista.

A diáspora é corpo e protesto. É culto e cultura. É estratégia de sobrevivência. E cada passo que damos hoje, cada aprendizado, cada reconstrução que fazemos... é continuação de uma história que nunca terminou.



4. *Espiritualidade e Saúde Mental*

**E
C
O
S**

Quem cuida
de quem cuida?

D O S A G R A D O



O resquício da escravidão deixou muitas máculas ao longo do tempo: a baixa autoestima do homem preto, a desvalorização da mulher negra, os desafios familiares, o abandono paterno, a homofobia e tantos outros preconceitos estruturais que foram se desenvolvendo com o passar das gerações.

O Candomblé, por si só, tem evoluído em seu entendimento organizacional. Em grande parte das casas, os neófitos já não vivem mais o que era costume em outrora. Aos poucos, a dignidade humana passou a ser compreendida como uma necessidade — e não como um desafio à tradição.

Mas vivemos em um país colonizado, o último a abolir a escravidão, e que ainda hoje tarda em garantir dignidade real ao seu povo. Isso afeta diretamente as gerações de forma estrutural e emocional. Ao olhar para o passado e o presente, podemos refletir sobre a tensão entre a ortodoxia e a contemporaneidade.

O Paradoxo do Cuidado

Antigamente, a preservação do culto se apoiava nos sacrifícios mais difíceis: a naturalização do sofrimento, a resistência dos mais velhos, a educação baseada no silêncio e na obediência. O Candomblé, que deveria ser um lugar de acolhimento e amparo, onde o ser se conecta com a espiritualidade para aliviar os males da vida externa, às vezes se tornava um espaço onde se encontrava exatamente o contrário.

Só deveres. Só sacrifícios. Pouca ou nenhuma escala de felicidade e amor espontâneo.

Por vezes, parecia que o amor às divindades era motivado pelo medo: “Amo minha divindade porque ela não me mata”. Esse entendimento retirou força de muitos filhos de santo. Porque o mundo de fora já pratica, todos os dias, o extermínio simbólico e físico do nosso povo. Se dentro também há opressão, onde fica o respiro?

Sobrevivência e Intenção

É importante lembrar que, apesar disso tudo, nossos antepassados sempre quiseram o melhor para nós, com os recursos que tinham — seja em afeto, seja financeiro ou social. A chamada “nova velha geração” traz hoje o desejo de um Candomblé que se organize melhor, acolhendo pessoas de diferentes histórias e educações.

Mas sempre houve uma forma de regulação: as críticas. Entender as críticas como algo positivo é crucial para a movimentação responsável da nossa religiosidade. Acolhendo-as ou não, elas nos fazem pensar, nos forçam a rever práticas, a buscar o melhor.

Os sacerdotes antigos levavam a sério dogmas e ritos. Isso gerou rigor necessário, mas também exageros. Daí nascem expressões como:

“Quem está fora não entre, quem entra não sai”,
ou a palavra “obrigação”,
que no lugar de dever amoroso, se tornou sinônimo de medo e dor.

Ser “obrigado” a algo que deveria ser parte da própria essência é um fardo. Mas à época, essa estrutura dura foi necessária para garantir a sobrevivência do culto.

Hoje, os desafios são outros.

Cuidar da Mente é Cuidar do Axé

Na atualidade, é necessário estudar, organizar e resgatar com consciência — para não sermos incoerentes. E como isso dá muito trabalho, muitos escolhem o caminho mais fácil: não pensar, não se embasar, não refletir. Isso afeta diretamente o psicológico das novas gerações.

Há jovens cansados das práticas abusivas dos mais velhos.

E há mais velhos cansados da irresponsabilidade dos mais novos.

Essa tensão é necessária. Ela regula, provoca, reposiciona as referências. E, ao mesmo tempo, gera estresse e cansaço mental, especialmente entre os líderes.

E é aqui que a pergunta ecoa: Quem cuida de quem cuida?

A Solidão Sacerdotal

Há uma resistência muito grande entre sacerdotes e sacerdotisas em buscar apoio psicológico. Mas quem guia também carrega acúmulo de pensamentos, informações, decepções, erros, conquistas e o peso da solidão do cargo.

Mesmo casado ou cercado de filhos de santo, o sacerdócio é solitário em sua essência. Porque ele muda a rotina, o entendimento e a forma de viver no mundo. Não se trata de abrir mão da vida, mas de compreendê-la por uma perspectiva que poucos conseguem acompanhar.

Lidar com situações novas — que talvez nunca tenham acontecido antes dentro do axé — exige sabedoria, escuta ancestral e resiliência. E isso cobra um preço na saúde mental de quem lidera.

Sabedoria: Somar Aprendizados

A única forma de atravessar tudo isso com dignidade é melhorar nossas condições para viver, entender a nós mesmos mais a cada dia. Que cada um que venha depois possa somar os aprendizados antigos aos novos, trazendo mais sabedoria.

Mas se essa escolha for inversa — de ignorar, repetir erros, endurecer práticas sem reflexão —, o que se instala é a estagnação da compreensão do ser.

Muitos dizem: “A religião vai acabar”.

Mas eu vejo essa fala como uma impossibilidade. Porque a cada erro, nasce um novo acerto.

Porque a cada estudo, uma nova pergunta se revela.

E para que a religião realmente acabasse, seria necessário que todos esquecessem seus ancestrais, suas práticas, suas orações, seus segredos. E isso é impossível.



E
C
O
S

**5. Os Desafios
dos Pré-Sacerdotes:
Preparação e Responsabilidades**

D O S A G R A D O



Entre o que se é e o que se espera ser

A caminhada sacerdotal, muitas vezes, é simplificada como se fosse um destino automático, como se fosse uma escada com degraus claros e iguais para todos. Mas assim como a vida não é estática, o processo de tornar-se um sacerdote também não é.

Na concepção espiritual de muitas tradições de axé, não nos tornamos sacerdotes — nascemos sacerdotes. O que precisamos é adquirir experiência e aprendizado para exercer, com competência e sabedoria, aquilo que já vive em nós.

Essa formação começa com o auxílio do próprio sacerdote ou sacerdotisa, passa por momentos de autonomia progressiva e, aos poucos, se solidifica no exercício constante. Mesmo com liberdade, é essencial continuar consultando os mais velhos — afinal, a demanda de saberes e responsabilidades é imensa. A experiência é quem lapida a sabedoria. E só com sabedoria é possível guiar outras vidas, formar novos sacerdotes, sustentar uma casa.

O Tempo da Espera e da Prática

O período de aprendizado costuma ser tranquilo — até que chega a hora de praticar. E aí, tudo muda. A necessidade do exercício prático exige mais do que teoria: exige corpo, atenção, espírito. E nem sempre o tempo do saber acompanha o tempo do chamado.

Às vezes, o tempo se estende porque a experiência ainda não se consolidou, ou porque o sacerdote da casa ainda está vivo, o que gera uma espera diferente do que ocorre quando um líder parte e precisa ser imediatamente substituído — muitas vezes por alguém sem a devida preparação, mas que precisa assumir por força da continuidade.

A ausência de regras claras para essas transições não significa que não existam caminhos. Mas mostra que não há um padrão único que se aplique a todos. Cada jornada sacerdotal carrega suas nuances, tensões, histórias e ancestralidades.

A Pressão do Chamado

Quem é preparado desde pequeno vive sob pressão constante das expectativas. É colocado à prova desde cedo, observado em cada gesto. Vive o paradoxo de já exercer funções sacerdotais, mesmo sem ser reconhecido formalmente como sacerdote.

Espiritualmente, o sacerdócio já está ali. Socialmente, ainda não.

Essa tensão pode provocar confusão de identidade e propósito. A pergunta vem como sussurro e depois como grito:

Até onde posso ir? Quem sou eu, de fato, nesse caminho?

Foi observando essa experiência — nos outros e em mim — que passei a utilizar o termo “pré-sacerdote”. Ele nomeia um lugar específico: aquele que já tem a confirmação espiritual, mas ainda está à espera do momento certo de assumir com plenitude a responsabilidade e a visibilidade social do cargo.

As Inúmeras Rotas da Missão

O sacerdócio vai além de regras e costumes.

Não é à toa que existem ogans, ekedis, e até pessoas não iniciadas que abriram casas, guiaram outras vidas, estruturaram comunidades. Também existem neófitos que, por urgência espiritual, tiveram suas formações aceleradas e assumiram funções “além do tempo”.

Cada uma dessas experiências deu certo em seu contexto. O que pode ter dado errado foi a forma como foram conduzidas.

Há filhos com traço sacerdotal que foram ignorados por seus líderes. Há casas onde ninguém foi preparado, e alguém de fora assumiu por falta de opção. Há legados que não foram aceitos — por questões pessoais, emocionais ou espirituais.

Isso tudo gera saudades de casas que já não existem, e sacerdócios precoces ou interrompidos. E as possibilidades continuam se ampliando com o avanço do tempo, a sofisticação dos debates e o agrupamento de novos entendimentos sobre a vida, o axé e o papel de cada um no mundo.

O Maior Desafio

Entre tantos desafios, um é o maior de todos:

Não deixar morrer a memória viva do passado.

Ser pré-sacerdote é também ser guardião de uma ponte — entre o que foi e o que está por vir.

É sentir-se responsável antes mesmo de ser reconhecido.

É viver o axé no corpo, no gesto, no cuidado... enquanto o título ainda não chega.

É continuar mesmo assim.

Porque o axé não escolhe por diploma.

Ele revela, acende, convoca — e o tempo, com sua sabedoria, faz o restante.





**E
C
O
S**

6. *Espiritualidade Digital*

D O S A G R A D O

Esse novo momento é o reencontro com o que o tempo vem trazendo como adestramento sensorial. A vida, cada vez mais dinâmica, e o senso de responsabilidade para com o sucesso futuro, têm tirado de nós os momentos de aprendizado e desenvolvimento empírico. Estabelecer sua presença em um terreiro de candomblé já não é uma jornada tão fácil com a rotina pesada do dia a dia. Mas a manutenção desses saberes precisa continuar.



Foi assim que passamos a ver o meio digital, a internet, como veículo para manutenção da informação espiritual milenar. A tecnologia nos auxilia na transmissão do saber e na preservação do nosso legado oral. Efetivar essas atividades e momentos nos garante um tipo de informação pedagógica e andragógica, sustentando aprendizados que muitas vezes se perdiam, especialmente no passado, quando muitas falas e perspectivas eram resguardadas.

O senso de responsabilidade que havia no passado preservou a integridade de nossas práticas e informações. Mas o momento atual se torna ambíguo por causa do excesso de informação. Quem vive da internet precisa postar e desenvolver assunto todos os dias, sem esperar um tempo de maturação e aprendizado sobre o que se fala, de forma responsável e coesa.

Um dos grandes problemas é a tentativa de explicar tudo para tudo. E muitas vezes se tenta decifrar o incognoscível, ferindo práticas que são sentidas, presenciadas, vividas... e onde o silêncio fala mais do que a própria vontade de explicar.

Entendemos que o axé é algo que sempre vai se inclinar para a humildade e simplicidade. Coisas simples como uma vela, uma esteira, uma reza, estabelecem um axé. Mas o mundo vem se organizando de forma rápida e cognitiva, apurando a intelectualidade, criando estruturas cada vez mais complexas. E nós, do axé, precisamos nos atentar ao racismo estrutural, que a todo tempo tenta mostrar para todos que somos desunidos e desorganizados.

Só que o mundo precisa saber que temos cultos organizados, cosmogonia, pensamento filosófico fortíssimo, grupos de divindades e aspectos que nos ligam ao caráter de Deus — através do axé, que é força cósmica e aprendizado passado pelas nossas divindades e entidades.

A importância do mundo digital está também nessa organização política do aprendizado e do posicionamento no mundo, atrás de um tempo onde possamos ser reconhecidos e respeitados — não apenas tolerados.





7. O oráculo:

Veículo de comunicação
entre o mundo material e o imaterial.

E
C
O
S

D O S A G R A D O

Em toda a trajetória da humanidade, o ser humano sempre buscou entender seu destino — como resolver suas causas para ter menos dor e sofrimento, como melhorar suas condições de vida, diminuir os obstáculos e, acima de tudo, seguir sua trajetória aqui na Terra.

O oráculo sempre foi visionado pelos seres, movidos pela curiosidade de saber “como se adivinha a vida alheia”. Mas um dos pontos que precisamos discutir é que o processo é divinatório, não adivinhatório. Já é sabido que existem várias posições dentro do formato oracular. Muitos nascem com dons, cuja espiritualidade é ampla — onde se escuta, vê e sente coisas — vivendo, muitas vezes, até uma vida fantasmagórica. Outras pessoas, a depender da família ou da região, fazem pactos para receber essas bênçãos espirituais.

Na maioria dos casos, as pessoas são preparadas para consultar o oráculo dentro de uma organização familiar. Assim, aprendem sobre as quedas, os significados de cada signo que acompanha cada queda, e, a partir disso, trazem o diagnóstico. Existe a necessidade de pactuar o oráculo com alguma divindade, ou realizar sua sacralização, para que o espiritual possa manipular a queda física, revelando, através do signo acompanhado de uma ordem numérica, esse diagnóstico.

A falta dessa ritualística pode implicar numa queda meramente física, trazendo possibilidade de erro. Existe uma complexidade tão grande que, ao mesmo tempo em que precisamos manusear o oráculo, ele precisa estar dentro de nós. Por isso, cada família tem sua técnica, seu método, e é essa sintonia que alinha o espiritual para que a intuição apoie o processo.

Existem diversos tipos de oráculos — búzios, opeles, obi, entre outros — mas a espiritualidade é tão volátil que até com um elemento não tão comum, nas mãos de alguém com a espiritualidade aguçada, pode se revelar um grande potencial oracular. Exemplo: uma pessoa que consulta com tampinhas de garrafa e o diagnóstico é certo. Isso não é um incentivo para tal prática, mas uma explicação de quão amplo é esse processo.



A todo tempo discutimos: temos destino ou predestinação? Se o destino não muda, por que o ebó muda nosso caminho? Se nossas escolhas alteram os rumos, então temos sim a possibilidade de mudar o destino — mesmo que isso traga novas consequências. Já a predestinação deixa aberta a ideia de que aquilo está traçado, mas que podemos escolher manter ou não esse caminho.

Então, não se adivinha nada. O que se faz é uma leitura ancestral da sua predestinação, onde se recebe um diagnóstico para entender a própria vida, os melhores rumos, as decisões possíveis. Mas essa complexidade se amplia em pequenas coisas que não mudam e não têm como mudar — e é aí que, talvez, em alguns pontos, exista a palavra destino de forma mais fechada.

É importante entender o oráculo religioso como prática sagrada, e não como fetiche que alimenta vontades aleatórias do tipo: “só quero que dê uma olhadinha”, “só quero saber disso aqui”. A consulta oracular deve ser completa, e a partir dela podem surgir dúvidas e questões. A responsabilidade de não futilizar algo tão sagrado é tanto do consultor quanto do consulente.

A cultura já está estabelecida, mas a informação é o antídoto contra a ignorância. Também é importante saber que as divindades existem para quem é iniciado, para quem faz parte da religião. Claro que sempre se pergunta “qual minha divindade?”, mas é preciso entender quais as intenções desse ser com a religiosidade — para que não se associe a uma divindade alguém que nem tem interesse em manter essa ligação.

Precisamos aprender a respeitar o oráculo como respeitamos um Orixá. Precisamos entender que ali é um veículo de transmissão entre planos. Perguntas fúteis e sem sentido devem ser guardadas para si. E mentir perante o oráculo, ou não seguir suas recomendações, é um grande indício de fracasso eminente.





8.

*O poder do desenvolvimento
da nossa religião dentro
da nossa vivência e em nossa vida.*



HUNX

ECOS DO SAGRADO

É de grande importância entender que tudo que traz esclarecimento sobre a criação do mundo, e faz com que as pessoas possam se sentir felizes e acolhidas, pode também gerar idolatria e apego emocional. Por isso, a necessidade de estarmos preparados para desenvolver esses trabalhos e formações sobre o axé é fundamental, para que a gente tenha maturidade e não desvie o nosso caráter.

Entender que a humildade cabe em todo lugar, porque ocupa pouco espaço, é um princípio básico. Precisamos estabelecer coerência entre o entendimento religioso e os processos cotidianos da nossa vida. Compreender que, por mais que sejamos provocados, precisamos acreditar nas divindades — e não no nosso poder de destruição — é um passo importante no caminho da sabedoria.

É essencial termos a calma necessária para amadurecer como seres aprendizes e perceber o momento em que nos tornamos desenvolvedores. Nossas divindades erraram justamente para adquirir aprendizado e experiência, para que pudessem evoluir e aprender a cada momento. E, quando se divinizaram, assumiram a incumbência de nos orientar aqui na Terra.

Que a gente possa usar o aprendizado de cada divindade para estabelecer um mundo mais equânime, com potencial de enfrentar menos desafios.

Dogma

Ouvimos muitas falas relacionadas aos dogmas e às verdades do Candomblé. Muitas vezes, para regular o comportamento dos adeptos, são criadas questões políticas e sócio-organizacionais para que cada sociedade possa ter equilíbrio de acordo com suas vantagens e desvantagens.



Cada casa tem uma predisposição. Isso vai de acordo com a ancestralidade do sacerdote, com a energia das divindades da casa e uma série de outros fatores. Às vezes, por exemplo, uma casa se predispõe — pela própria predestinação — a receber muitas pessoas falastronas. Logo, ali será necessária uma regra onde o silêncio seja mais importante. Fala-se pouco, comenta-se menos ainda sobre o axé. Dependendo do costume familiar ou do formato de comportamento daquele grupo, essa regra pode se intensificar ainda mais. E aí surge a confusão: o que seria um princípio organizativo vira, para os de fora, uma “verdade absoluta”.

Vivemos hoje um momento em que é necessário desnaturalizar algumas fundamentações que nasceram como regras de equilíbrio social e que se cristalizaram como verdades inquestionáveis. Esse ponto precisa ser debatido dentro de cada comunidade, para que não haja um excesso de veto ao saber. E, com esse exemplo, podemos imaginar todos os outros eixos: práticas de ebós, ordens das divindades, momentos certos de realizar determinado ato, entre outros.

Dentro do processo de culto, a pluralidade religiosa define cada ser com sua ancestralidade particular — mesmo que essa pessoa esteja inserida numa coletividade. Isso acaba trazendo particularidades únicas dentro de um caminho coletivo, onde se aplicam tanto os cultos individuais quanto os coletivos.

Um exemplo claro: uma casa tem uma prática ritual que todo iniciado deve cumprir. Mas, um dia, por obra do destino, chega alguém cuja ancestralidade carrega um processo evolutivo diferente. Talvez essa pessoa tenha uma questão espiritual incomum. E então, uma divindade ou uma entidade determina que, antes do processo convencional da casa, essa pessoa precisa passar por um ritual diferente. Ou, até mesmo, não fazer aquele processo coletivo da casa. Isso muda uma regra, transforma o que antes era padrão. E essa mudança vem por ordem do oráculo, da entidade, ou da própria divindade.

Só esse exemplo já nos mostra que não podemos falar de dogmas dentro de uma religião tão intensa, complexa e paradoxal. A palavra dogma carrega a ideia de algo fundamental, inquestionável, uma verdade absoluta. E o Candomblé, por essência, não é absoluto nem imutável — ele é vivido, sentido, guiado e transformado pelo tempo e pelas necessidades do axé.

Cada casa tem seu formato de culto. Cada pessoa, sua necessidade. Cada fundamento, seu tempo de nascimento, amadurecimento e até de encerramento.

Mas atenção: isso não significa que podemos fazer tudo do nosso jeito ou idealizar regras conforme nossa vontade. Mesmo com essa natureza não estática do culto, é preciso manter coerência, base de entendimento, e respeito à tradição aprendida. Um formato aleatório, sem compromisso com a lógica ancestral, pode comprometer o legado futuro: o nome de uma casa, o peso de um culto e a força consolidada de qualquer axé.

Organização das Práticas

Manter o legado ancestral é, ao mesmo tempo, prazeroso e desafiador. Essa dualidade mexe com sentimentos profundos e com as transformações de toda uma vida — de uma pessoa, de uma comunidade. Tudo ganha sentido dentro de uma lógica de regra, ordem e desenvolvimento.



Como já foi dito: as regras existem para organizar, regular e preservar o respeito. No entanto, o mundo — com suas formas diversas e muitas vezes imprevisíveis de movimentar o destino — pode nos surpreender. Para além da predestinação individual, certas coisas podem estar estabelecidas em um tempo específico, ou surgirem em situações de tumulto, até mesmo em acontecimentos catastróficos, para só mais adiante fazerem sentido.

Sabemos que, de forma tradicional, as pessoas são preparadas para se tornarem sacerdotes e, assim, manterem o legado dos seus ancestrais, orientando outras pessoas ou herdando casas já existentes — sejam essas casas familiares ou abertas, ao longo do tempo, para sucessões mais amplas. Em outros casos, por contextos históricos e sociais, uma casa pode ser fundada de forma colaborativa, abrindo um mar de possibilidades para vínculos ancestrais múltiplos.

Mas há situações atípicas que exigem sabedoria e sensibilidade. Um exemplo é a posição do Ogan, um cargo honorífico criado na diáspora para cuidar e proteger o axé, tanto em sua integridade física quanto litúrgica. Um Ogan pode não ter, necessariamente, o preparo ou os critérios que o habilitem a assumir a função de um sacerdote.

No entanto, o que acontece quando uma casa entra em ruína? Quando a liderança falece — ou mesmo antes disso, já não mantém mais as práticas — e não há filhos de santo ou adeptos em continuidade? E se os únicos remanescentes forem um Ogan ou uma Ekédi? Eles não deveriam, teoricamente, suceder à liderança espiritual. Mas será que eles devem? Devem, talvez, não por legitimidade de iniciação, mas por responsabilidade histórica. Para que não se apague um legado construído com dor, suor e resistência ao preconceito.

Dentro do axé, nada impede a continuidade de uma tradição — desde que haja coerência. E a coerência, sim, é o único fator que pode ou não legitimar um processo religioso.

Por isso, é essencial desenvolver um olhar refinado, sensível e apurado para cada situação. É preciso compreender que há momentos de expandir e momentos de comprimir, momentos de agir e momentos de manter. Tudo pode permanecer vivo se houver alguém, em condições coerentes, capaz de manter uma história acesa.

O Processo Mítico como Base de Tudo

O processo mítico é a base de tudo o que vivemos. Muitas vezes, esses contos servem para moldar a ética e formar o caráter — são narrativas sociais transmitidas oralmente, presentes em qualquer povo ou cultura tradicional. A intenção é preservar valores importantes de forma envolvente, para que não sejam esquecidos.

No entanto, no axé, o mito carrega um propósito ainda mais elevado: ele também fundamenta práticas espirituais. Muitas vezes, é por meio do mito que se justifica o uso de um determinado elemento, ou o porquê de uma ação específica durante o processo iniciático. Os elementos sagrados estão diretamente ligados ao ser, seja por uma conexão cosmológica, seja por uma influência direta e até biológica. Essa relação pode nos afetar de forma positiva ou negativa — como, por exemplo, um banho de folha (ewé), que atua tanto na pele quanto na alma, através da força espiritual, energética e medicinal da planta.

Do mesmo modo, o axé considera as forças cósmicas na realização de determinados rituais, como o ebó. A relação entre o sol, a lua e as marés orienta práticas específicas dentro do Candomblé tradicional. No Benin, por exemplo, é utilizado um calendário chamado Fezã, que determina — com base nas fases da lua e outros elementos astrológicos — os melhores dias para realizar magias, ebós, iniciações, ou simplesmente não fazer nada.

Outro aspecto fundamental é o entendimento filosófico e metafísico dos mitos. As metáforas presentes nessas histórias nos provocam internamente, despertando reflexões íntimas que influenciam diretamente nossas escolhas e práticas espirituais. No entanto, a forma como interpretamos os mitos também está atravessada pela cultura, pelos preconceitos e pelo ponto de vista com o qual enxergamos o mundo.



Por isso, é essencial considerar a cultura africana e seus afluentes quando interpretamos um itan ou conto do Candomblé. Um exemplo importante é o itan em que Exu oferece bebida a Oxalá, e depois o suja com carvão e dendê. Neste mito, Oxalá recusa-se a fazer ebó — e, em nossa tradição, o ebó é uma prática fundamental, uma das principais formas de alinhar o destino e enviar mensagens a Deus.

Oxalá, sendo Òrìṣà Nlá (o orixá maior), age com arrogância, julgando que não precisa do ebó. Entretanto, devido ao apagamento sistemático da nossa epistemologia, o papel de Exu como fiscal — enviado por Deus para observar tanto os orixás quanto os seres humanos — foi distorcido. Assim, Exu foi demonizado, associado ao “capeta” que teria prejudicado um “velhinho bonzinho”, frequentemente comparado a Jesus Cristo. Mas, com um olhar crítico e coerente, embasado na origem cultural da história, compreendemos que Oxalá, na verdade, foi punido por sua arrogância.

Outro ponto importante a ser entendido é que nossas divindades não são santos. Não há santificação no Candomblé. Tudo é aprendizado. Os orixás vieram à Terra a mando de Deus para tornar o mundo habitável, viveram entre nós, aprenderam, ensinaram e, só depois, foram divinizados. Eles intercedem por nós porque conhecem nossas dores e caminhos, pois também viveram tudo isso.

O entendimento de espiritualidade e experiência está profundamente enraizado em outra lógica — muito distante da perspectiva eurocêntrica. Na nossa tradição, tudo o que existe no mundo já está no mundo. As divindades viveram e testemunharam esses acontecimentos antes mesmo de nós chegarmos à Terra.

Por isso, compreender a força dos mitos é entender que as respostas — para tudo que é bom ou ruim — estão na nossa religião. E que o maior objetivo de todos esses ensinamentos é nos conduzir à paz, por meio da construção de um bom caráter, que sempre foi o alicerce da nossa comunidade.



***“NÃO EXISTE RELIGIÃO
SEM CULTURA”.***

- DOFONO HUNXI



@dofono_hunxi